

ACERCA DA 'PRESENÇA'

Noemi Elisa Aderaldo

Após o movimento estético desencadeado por escritores e artistas agrupados em torno de "Orpheu" e outras revistas afins, é com o movimento da "Presença", ao longo dos seus 14 anos de história ativa, que se consolida e que se impõe, definitivamente, o Modernismo em Portugal. É uma vez uma revista, agora alcançando 54 números, publicados de 1927 a 1940, que dá nome ao movimento, aglutinando toda uma geração de escritores "modernistas" de tendências diversas, e representando a convergência de todos os valores significativos do Modernismo que lhe foi contemporâneo, especialmente no que se refere à poesia.

O movimento da "Presença" arranca das linhas originalíssimas dos grandes mestres de "Orpheu", tendo havido, entre as duas gerações respectivas, quase que uma assimilação, consolidando uma aventura da outra. Conforma-se, entretanto, a "Presença", em dimensões estéticas mais abrangentes, nas quais confluem influxos diversos, como os provenientes da poesia pós-simbolista francesa (Valéry, Apollinaire, etc.), de Dostoiewski, do intuicionismo bergsoniano, da psicanálise freudiana, do existencialismo de Chestov, de André Gide, do romance de Marcel Proust, etc.

A "Presença", editada em Coimbra, foi fundada por José Régio, Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, além de Edmundo de Bettencourt, Fausto José e Antonio de Navarro, todos jovens intelectuais saindo da Universidade. No curso da sua existência abriga poetas, romancistas e ensaístas de índole e facetas variadas, frequentemente divergentes, tanto que a história do movimento é pontilhada de polémicas internas e de algumas conseqüentes cisões.

Assim é que já em 1930 retiram-se da revista Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt e Miguel Torga (este último pro-

clamando a sua auto-exclusão do movimento e lançando as revistas "Sinal" em 1930 e "Manifesto" em 1936) e, mais tarde, Casais Monteiro. Encerrando a sua primeira fase em 1938, sairão apenas mais dois números, um em 1939, já sob o impacto tumultuante da 2.^a Grande Guerra, e o último em 1940, quando surge o Neo-Realismo.

No seu artigo de apresentação da revista, intitulado "Literatura Viva", José Régio, certamente o maior vulto do movimento, proclamava alguns dos valores fundamentais que o norteavam: vitalidade, originalidade, sinceridade e personalidade, assestando ainda uma crítica certeira contra determinados escritores consagrados. No terceiro número, no artigo intitulado "Da Geração Modernista", Régio proclama Fernando Pessoa e Sá-Carneiro como grandes mestres contemporâneos, numa consagração que até então lhes tinha sido recusada pela crítica e pelo público. Pode considerar-se, porém, como o manifesto do movimento, o artigo do mesmo autor, em 1928, no número 9 da revista, intitulado "Literatura Livresca e Literatura Viva", onde identifica a finalidade da arte com a emoção estética, prefigurando uma posição de independência do escritor face à política.

Os sucessivos artigos de José Régio, bem como alguns de João Gaspar Simões, marcam posições fundamentais da valorização de uma literatura e de uma arte moderna internacional, assim como dos escritores e artistas portugueses que tinham criado a concepção lusa dessa visão nova do homem, e as novas formas de expressão que ela exigia.

Assim, a "Presença" estuda, analisa e bibliografa os seus melhores precursores, enfatiza a importância das correntes cubista, primitivista e expressionista, incluindo Amadeu Sousa — Cardoso e Almada — Negreiros, desperta a atenção para a música contemporânea, para o cinema como arte, etc.

A consagração dos seus principais colaboradores ocorre por volta de 1936, o que representa uma transformação significativa do gosto literário português, conseguindo atingir um público muito mais largo que o dos seus predecessores, sem os escândalos provocados por estes, particularmente pelo Fernando Pessoa "futurista".

O movimento manteve, entretanto, as suas irreverências, que incluíam coisas como o aspecto gráfico das suas publicações, a recusa dos seus integrantes de ingressar na Academia das Ciências, etc.

Críticos quanto aos ideais oitocentistas e republicanos de progresso — haja vista a derrocada do liberalismo em 1926 —, os

adeptos da "Presença" cultivam uma literatura e uma arte desvinculadas de qualquer doutrina política.

Quanto aos seus aspectos mais marcantes, o movimento da "Presença", na mesma linha do Orfismo que o precede, e contrariamente ao Neo-Realismo que o sucederá, valoriza o individual acima do social, a intuição acima da razão, o mistério acima do problema, a introspecção acima da objetividade, na direção de uma concepção metafísica da arte. Outro aspecto proeminente é o que se pode chamar de psicologismo, referido à frequência da confissão ou da transposição ficcional da análise interior.

Coerentemente com tudo isso, o Presencismo proclama e cultiva os valores:

- a) da "sinceridade vinda da região mais profunda, inocente e virgem", do "ato gratuito inconsciente" (no que se identifica com um dos pressupostos do surrealismo europeu;
- b) da "recriação individual do mundo";
- c) da "personalidade original".

Nunca como agora, na literatura portuguesa, a afirmação da personalidade se concretiza de maneira tão cabal, criando-se uma atmosfera de crítica sã e aberta, juntamente com uma afirmação de força poética libertadora.

José Régio é, indubitavelmente, a maior e mais consagrada figura da "Presença", a que realizou a obra mais profunda, mais rica de perspectivas e de mais larga significação, impelida pelos problemas da consciência individual, pela angustiada duplicidade do homem entre Deus e o Diabo, pela contradição entre a mesquinhez da vida cotidiana e as grandes aspirações da alma.

Cheia de implicações religiosa — o que permite certas aproximações com Antero e Junqueira —, o âmago temático da sua obra, sobretudo poética, é o diálogo entre o Homem e Deus, a angústia da insatisfação e da busca, a quebra do orgulho e a rendição final a Deus.

De atmosfera densamente dramática, a obra de José Régio pulsa de vida interior e nela brilha uma lucidez reflexiva, dando nova expressão ao tema do conflito entre as aspirações superiores do homem e o mundo, tema já cultivado pela poesia metafísica do Saudosismo.

A sua tendência para a dramatização, que se manifesta no diálogo entre os diferentes níveis da sua própria consciência, frequentemente antinômicos, consoma-se na sua obra teatral, iniciada pelo "mistério" "Jacob e o Anjo", de 1941, em que exprime, com certo

barroquismo, mas de maneira pungente, a contradição existencial entre o absoluto e o relativo.

A polaridade dialética entre o espírito e a carne, entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo é a constante axial que dá unidade a uma obra polifacética, no drama como na poesia, no romance como no conto, no ensaio como na crítica. No seu primeiro livro de poemas, "Poemas de Deus e do Diabo", está traçada a diretriz do seu grande périplo literário, desde o satanismo de "Jogo da Cabra Cega" ao angelismo de "A Velha Casa". Das mais elevadas às mais degradantes, os seus poemas já contêm, em estado embrionário, as mais díspares experiências e situações interiores que serão vividas pelos personagens dos seus romances.

O mundo interior desses personagens é tão rico, tão organicamente estruturado e tão autêntico, que eles dão a impressão de terem vida própria e escaparem ao controle do seu autor — pois não obstante a grandeza da sua poesia, é sobretudo na ficção que o autor de "Davam Grandes Passeios aos Domingos" alcança a sua plenitude criadora.

Os cinco volumes de "A Velha Casa" compõem o mais importante romance cíclico português, enquanto o "Jogo da Cabra Cega" se constitui, sem dúvida, na mais complexa e multimoda obra ficcional da literatura portuguesa, pois nela se fundem a ficção e a crítica, a arte, a psicologia e a filosofia, logrando colher em sua tessitura a labiríntica e densa riqueza da alma humana.

A nobreza estilística em que se vasa o esplendor emotivo da sua obra, sobretudo a lírica; a elegância e a contenção da forma lhe conferem um equilíbrio que sobrepaira a complexidade das vivências e lhes dá uma expressão disciplinada. Tal disciplina contribuiu, certamente, para que José Régio, mesmo ao penetrar em níveis abissais, pudesse delinear sempre com muita lucidez a problemática do homem.

Ao longo da sua evolução de escritor, José Régio foi depurando progressivamente o seu estilo, levando-o a uma transparência vernacular inexcédível, e consumando uma fusão perfeita do clássico com o moderno.

Nascido em 1899 e falecido em 1969, foi em 1925 que José Régio, ainda estudante em Coimbra, publicou "Poemas de Deus e do Diabo". Formando-se, vai para o Porto. A sua primeira fase inclui também os livros de poemas "Biografia" e "As Encruzilhadas de Deus", além do romance "Jogo da Cabra Cega".

Da sua obra poética constam ainda "A Chaga do Lado", "Filho do Homem", "Mas Deus é Grande", "Fado", "Música Ligeira" e "Cântico Suspenso". Na Dramaturgia produziu ainda "El-Rei Se-

bastião", "Benilde ou a Virgem-Mãe", "Três Peças em um Ato" e "A Salvação do Mundo"; no Romance, "O Príncipe com Orelhas de Burro"; no Conto, "Há Mais Mundos" e "Histórias de Mulheres". Várias outras obras publicou nestes diversos gêneros. Da sua produção ensaística salientam-se "Três Ensaios sobre Arte", "Em Torno da Expressão Artística" e "Ensaios de Interpretação Crítica".

Pela originalidade, força e magnitude da sua obra, é Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Rocha, ao lado de José Régio, a outra grande figura do Presencismo, não obstante sua defecção do movimento e sua recusa e ser incluído na galeria dos seus escritores.

Nascido em 1907, médico de profissão formado em Coimbra, dedicando-se simultaneamente à clínica e à literatura, Torga participa da "Presença" até 1930, quando dela se retira, lançando, com Branquinho da Fonseca, a revista "Sinal" (número único) e, mais tarde, em 1936, a revista "Manifesto" (cinco números), já acima mencionadas.

A poesia de Torga, entretanto, permanece presencista: as suas parábolas, as suas alegorias, os seus mergulhos verticais dentro do homem, a sua tonalidade discursiva e a sua feição de monólogo-diálogo, ajustam-se integralmente ao projeto presencista.

Encontramos em Torga uma profunda consciência dos laços do homem com a natureza. A sua poesia é uma dramática exaltação do homem e da terra a que está umbilicalmente ligado, cheia, como em Régio, de implicações religiosas, e de que resulta a designação de "telurismo" que tem sido dada à sua idéia-força motivadora.

De fato, a obra desse escritor de origem aldeã transmontana se banha num ambiente de mitos agrários e pastoris, que remontam aos símbolos bíblicos. A semente e a colheita, as plantas e os bichos, a terra, a água, e o vento, o pão, o parto, o pastoreio etc., percorrem, como motivos poéticos, os seus livros, cheios de reptos ao Criador do "homem de carne e osso", sempre redivivo pela procriação apesar da morte, elevando-se titanicamente da lama, através de todos os seus erros e egoísmos, para um sentido humano-terreno de vida.

Sua poesia, sobretudo, desfecha, com ardor e revolta existencial, com estertores e brados, as perguntas fundamentais do homem, dando vasão ao seu desespero, à tormenta do absurdo da sua condição, ao seu anseio panteizante e insatisfeito de viver, enfim, à sua relativa entrega aos "poderes" maiores que o arrebatam, num vigoroso canto cheio de vibração. São notáveis, também, a pureza e originalidade ritmicas, e a coerência orgânica das imagens dessa poesia, que encontramos em "Tributo" (1931), "O Outro Livro de Job" (1936), "Libertação" (1944), "Odes" (1946), "Cântico do

Homem" (1950), "Penas do Purgatório" (1954) e "Câmara-Ardente" (1962).

Ao lado disso, encontramos também em Torga a expressão dum humanismo reivindicador e duro, fustigando as misérias humanas e o empobrecimento da vida de que o homem é culpado, e ainda o sentimento de solidão, de exílio do mundo, e a busca de consolo na terra-mãe.

Numerosos pequenos contos ("Bichos" — 1940, "Montanha" — 1944, "Pedras Lavradas" — 1951) tematizam a coragem dura e simples da vida rural humana e animal, e o seu "Diário" (10 vols. de 1941 a 1968, uma espécie de continuação, sob outra forma, do romance de fundo auto-biográfico "A Criação do Mundo" — 3 vols., 1937-39) nos comunica sua atração pelo abismo e seu incorrespondido humanitarismo.

Da sua obra dramática constam "Terra Firme e Mar" (1941), "Sinfonia" (1947) e "O Paraíso" (1949). Ainda outros livros são, em poesia, "Lamentação" (1943) e "Orfeu Rebelde" (1958) e, em prosa de ficção, "Pão Azimo" (1931), "Vindima" (1945), e outros.

BIBLIOGRAFIA

1. GUIMARÃES, Fernando. *A Poesia da Presença e o Aparecimento Neo-Realismo*. Porto, Ed. Brasília, 1981.
2. SIMÕES, João Gaspar. *História do Movimento da "Presença"*. Lisboa, Ed. Atlântida, 1958.
3. MONTEIRO, Adolfo Casais. *A Poesia da "Presença"*. Lisboa, Ed. raes Editores, 1972.
4. SIMÕES, João Gaspar. *A Posteridade da "Presença"*. Lisboa, Ed. S.E.C., 1977.
5. MOURÃO-FERREIRA, David. *Presença da 'Presença'*. Porto, Ed. Brasília, 1978.
6. SIMÕES, João Gaspar. *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa*. Porto, Ed. Brasília, 1976.
7. COELHO, Jacinto do Prado. *Ao Contrário de Penélope*. Lisboa, Ed. Bertrand, 1976.
8. TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Novas Perspectivas*. Ed. União Gráfica, 1969.
9. SACRAMENTO, Mário. *Ensaio de Domingo*. Coimbra, Ed. Coimbra, 1959.
10. MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1977.